

COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA EM GINÁSTICA RÍTMICA: do compreender ao fazer

Marília Del Ponte de Assis¹

RESUMO

O texto trata da resenha do livro “Composição Coreográfica em Ginástica Rítmica: do compreender ao fazer”, e seu principal objetivo é contribuir para a formação de profissionais de Educação Física, em especial professores/as e técnicos/as de Ginástica Rítmica, quanto à importância da expressão corporal nas composições coreográficas da modalidade.

Palavras-chave: Expressão Corporal. Composição Coreográfica. Ginástica Rítmica.

¹ Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (bolsista CAPES), na área de concentração “Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física”.
Contato: mdpassis@yahoo.com.br

Após anos de experiência na área da Educação Física, em especial com Ginástica Rítmica, as autoras Eliana Virgínia Nobre dos Santos, Márcia Regina Aversani Lourenço e Roberta Gaio publicam, pela Editora Fontoura, uma obra que ressalta a importância da expressão corporal nas composições coreográficas desta modalidade¹. A proposta central do livro é contribuir com a formação de profissionais de Educação Física e técnicos/as de Ginástica Rítmica (GR), quanto ao estímulo de vivências em movimentos rítmicos e expressivos, com aparelhos oficiais da modalidade, com aparelhos alternativos ou sem aparelhos. Também, é preocupação das autoras que estes estímulos contribuam com o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, independente de gênero, etnia, classe social ou outras possíveis diferenças.

A GR é uma modalidade relativamente nova, considerando-se que sua introdução no cenário esportivo internacional ocorreu em meados do século XX. Para melhor compreensão da modalidade nos dias atuais, no capítulo 1, **Evolução Histórica da Ginástica Rítmica**, as autoras traçam um panorama

evolutivo da GR, cujo nascimento, na Europa Central, esteve ligado a uma nova concepção de ginástica para a mulher, com influências de um movimento renovador artístico e contribuições de mestres de quatro correntes: Dança, Música, Artes Cênicas e Pedagogia, que deram a modalidade seu caráter inovador em relação ao ritmo, expressão e estética. Eram estudiosos/as de diferentes áreas do conhecimento humano que, com a implantação de suas ideias, influenciaram a transformação que se deu na passagem dos séculos XIX para XX. No livro, dentre as correntes citadas, as autoras destacam as da Dança, da Música e das Artes Cênicas, bem como os/as personagens que mais marcaram para o que seria o início da GR enquanto nova concepção de ginástica, entre eles/as: Isadora Duncan, Rudolf Von Laban, Mary Wigman, François Delsarte, Emile Jacques Dalcroze, Rudolf Bode e Henrich Medau.

Ainda neste capítulo, é apresentada uma evolução cronológica da GR, do século XIX aos dias atuais, em que são percebidas as mudanças ocorridas nesse esporte, tanto nas regras contidas no Código de Pontuação², documento oficial

-
- 2 No prefácio, Bárbara Laffranchi, com sua experiência enquanto técnica da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica de 1991 a 2004, já ressalta a importância da composição coreográfica *“como um meio de propagar a rica cultura brasileira e de mostrar nosso país ao mundo”* (p. 9).
 - 3 No princípio, o Código de Pontuação não tinha regras claramente definidas, e sua primeira publicação, em 1970, continha cerca de oito páginas. Estamos no 12º Ciclo Olímpico, 2009/2012, e a cada ciclo, ou seja, de quatro em quatro anos, o Código sofre alterações em suas regras.

que rege a modalidade, quanto pela sua denominação: Ginástica Moderna (1963), Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e, finalmente, Ginástica Rítmica (1998)⁴. A criação da FIG – Federação Internacional de Ginástica, em 1881, e sua oficialização em 1921, também é um tema tratado neste capítulo, seguido da presença feminina nos Jogos Olímpicos, fato que ocorreu em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdam. A Ginástica Feminina esteve presente nos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres, não como desporto competitivo - fato que só ocorreu na década de 80 -, mas sim com apresentações em conjunto, que poderiam acontecer caso o país estivesse participando das competições em Ginástica Artística. O surgimento da modalidade como esporte aconteceu na década de 30, e na década de 60, a GR chega ao Brasil. Nesse processo de evolução da modalidade percorrido pelas autoras, são explicitados os principais fatos das décadas de 70, 80, 90, até os anos 2000.

No segundo capítulo, **Código de Pontuação: espaços de obrigatoriedades e liberdades na Ginástica Rítmica** são expostas

as principais características deste documento. Além dos aparelhos (corda, arco, bola, maças e fita), são enfatizados os elementos corporais que compõem uma série de GR, divididos em dois grupos: fundamentais (saltos, equilíbrios, pivots, flexibilidades e ondas) e outros (saltitos, giros, balanceios, circunduções, deslocamentos e passos rítmicos). A utilização destes outros elementos se dá como ligação entre o trabalho dos aparelhos e as dificuldades exigidas, sendo importante na medida em que pode, com a riqueza de movimentos advindos da dança, valorizar a composição de base de uma série, ou seja, a coreografia que será apresentada.

Em relação ao julgamento, as autoras explicam como é composta a banca de arbitragem, dividida em Dificuldade (que julga os elementos corporais fundamentais e as dificuldades com aparelhos), Execução (que despontua as penalidades) e Artístico. Embora sejam dadas explicações mais detalhadas sobre cada banca, a ênfase recai sobre a banca de Artístico exatamente porque é a que possui mais ligação com a composição coreográfica, proposta central do livro. Os árbitros desse quesito têm como função julgar o valor artístico da composição de

4 No Brasil, porém, somente em 2000 a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) assumiu a denominação adotada pela FIG.

base, que compreende o acompanhamento musical e a coreografia, bem como a utilização dos elementos corporais e manejo dos aparelhos, ou seja, “tudo que envolve a beleza das séries” (p. 76). Também é no Artístico que a subjetividade do árbitro, público, técnico/a e atleta torna-se mais evidente, sendo possível encontrar as liberdades tão buscadas no momento de composição das séries. Assim, para finalizar este capítulo, as autoras tecem considerações importantes sobre música e coreografia, mantendo referências ao que cita o Código de Pontuação, que apesar de todos os quesitos obrigatórios, também contempla espaços de liberdades, nos quais é possível transcender de movimentos técnicos a movimentos expressivos.

Aspectos relacionados à estética e arte da GR, além da expressão, são tratados no capítulo 3, **Ginástica Rítmica: dos movimentos técnicos aos ritmados e expressivos**. No decorrer do movimento ginástico renovador do qual a GR se originou, percebe-se uma ligação intrínseca entre expressão, ritmo, plasticidade, técnica de movimentos e arte. No entanto, um fato ressaltado pelas autoras neste capítulo é o curto espaço de tempo para a realização de uma gama de exercícios técnicos e expressivos, o que significa obrigatoriedades

impostas e controladas pelo Código de Pontuação, e a dificuldade para transcender essa realidade; claro, sem fugir das regras necessárias para a existência da GR.

Cada vez mais aumenta o número de dificuldades dos elementos corporais e dos aparelhos nas composições, e com isso, os espaços de liberdades de criação são questionados pelas autoras, que buscam flexibilização e reorganização das regras para o aparecimento do belo e da estética, ou seja, “o diálogo entre o compreender os movimentos técnicos e o fazê-los para além da técnica com expressividade” (p. 100). Com a evolução da GR em relação ao refinamento dos elementos corporais, combinados com o manejo dos aparelhos e a criação de novas possibilidades ousadas e originais destes elementos, a constatação das autoras é que o movimento técnico foi muito mais valorizado que o movimento expressivo, sendo este mais restrito à expressão do virtuosismo do que expressão de ideias e emoções.

Intitulado **Composição Coreográfica em Ginástica Rítmica: diálogo entre o compreender e o fazer**, o quarto e último capítulo do livro contém sugestões para que profissionais de Educação Física, especialistas ou não em GR, aceitem o desafio de criar movimentos e elaborar coreografias na modalidade.

Não em forma de receita, mas com um conjunto de informações, são apontadas possibilidades em três perspectivas ou níveis de praticantes: escolar, iniciante e desempenho de alto nível.

Na GR escolar, algumas indicações são: coreografias simples, para serem executadas com prazer; movimentos conhecidos pelos/a alunos/as; aperfeiçoar as capacidades físicas; criar coreografias lúdicas e que valorizem a cooperação, para inclusão de portadores de necessidades especiais; utilizar músicas conhecidas e de preferência sem vocal, para que não haja um trabalho a partir da letra, e sim, da melodia e emoções que emanam dela; desenvolver a percepção rítmica antes do trabalho específico de movimentos da GR; explorar as formações; e organizar festivais com coreografias temáticas.

Para iniciantes em GR, indica-se valorizar o aprendizado lúdico, começando pelos aparelhos corda, arco e bola, que são mais próximos da cultura infantil; priorizar a execução correta do movimento, segundo a técnica de cada elemento corporal e manejo

dos aparelhos; assegurar que os aparelhos sejam uma continuidade do trabalho corporal, na busca da sintonia entre corpo e aparelho; desenvolver a ambidestralidade, bem como diferentes direções, planos, velocidades, intensidades, amplitudes; enfatizar um elemento corporal a cada aula, utilizando músicas do aquecimento às seqüências coreográficas da parte final; realizar pequenas séries individualmente, em duplas, trios, pequenos e grandes grupos; diversificar as formações, trajetórias, níveis e as colaborações entre as ginastas, num espírito de coletividade; organizar composições com os elementos trabalhados a cada semestre e festivais a cada ano; e incentivar a prática da GR masculina⁵.

Por fim, na GR de rendimento e alto nível, deve-se ficar atento para o calendário de competições (regionais, estaduais, nacionais e internacionais) e treinar as composições de acordo com as regras estabelecidas em cada uma; buscar músicas que atendam as exigências dos aparelhos, ginastas e equipe; considerar o número de dificuldades, que varia de 8 a 12, de

5 Ainda não oficializada pela FIG, a Ginástica Rítmica Masculina já tem adeptos em alguns países como Israel, Rússia, Canadá entre outros. No Japão, inclusive, já existe uma Confederação Japonesa de Ginástica. Os aparelhos masculinos são: corda, maças, bastão, dois arcos pequenos e bola, de tal forma que, diferentemente dos movimentos circulares que predominam na modalidade feminina, nas execuções masculinas eles tendem a ser movimentos quadrados.

acordo com a categoria; respeitar os elementos corporais específicos de cada aparelho⁶; ter uma ideia guia como eixo para compor a série; diversificar marcações rítmicas, direções, trajetórias e planos dos elementos de ligação e elementos pré-acrobáticos; construir e definir as colaborações entre as ginastas e trocas de aparelhos; incluir as elaborações das composições de conjunto e individuais na periodização do treinamento; seguir as obrigatoriedades e liberdades do Código de Pontuação em vigência; e somar a todos estes quesitos os variados estilos de dança e das ginásticas em geral, expressando ideias, sentimentos e emoções num universo coreográfico.

Nos **Apontamentos finais**, destaca-se que seja oportunizado a todos/as possibilidades de sentirem seus corpos em movimentos ritmados e expressivos, a partir da capacidade de cada um ou do grupo. Para profissionais de Educação Física, vale a premissa do prévio conhecimento da GR e do trabalho com música e movimento.

Cabe aqui citar também sobre as contribuições do/a profissional da dança nesta perspectiva, pois a GR sempre manteve e ainda mantém os laços que a ligam com a dança, além do teatro e a música, e nesse sentido, a expressão corporal deve ser experimentada para que a ginasta consiga, no momento de sua apresentação, dialogar com o público, treinadores/as, árbitros e todo/as aqueles/as que apreciam o momento da apresentação. Pensar na dança como um conteúdo a ser abordado em sua amplitude de movimentos faz aflorar o lado artístico da GR, com a busca pelo novo, em movimentos originais e diferentes, em corpos que traduzem a ideia guia das composições.

Com uma gama pequena de publicações sobre GR no Brasil, esta é mais uma obra de referência a todos/as profissionais da Educação Física, em especial àqueles/as ligados/as à GR, independente da perspectiva almejada e do público trabalhado.

6 Nas séries individuais, os aparelhos possuem elementos corporais obrigatórios específicos, sendo os saltos elementos corporais obrigatórios do aparelho corda, as flexibilidades e ondas do aparelho bola, os equilíbrios do aparelho maçãs e os *pivots* do aparelho fita. Já o aparelho arco apresenta uma exceção: todos os elementos corporais obrigatórios devem aparecer em quantidade proporcional em uma série, enquanto nos outros aparelhos, essa quantidade deve ser superior aos não obrigatórios, predominando numa série.

Referência

SANTOS, Eliana Virgínia Nobredos; LOURENÇO, Márcia Regina Aversani; GAIO, Roberta. **Composição Coreográfica em Ginástica Rítmica: do compreender ao fazer.** Jundiaí: Fontoura, 2010, 127 p.

ABSTRACT

The text is a review of the book “Choreography Composition in Rhythmic Gymnastics: from understanding to performing”, and the main objective of the book is to contribute to the formation of Physical Education professionals, especially teachers and technicians of Rhythmic Gymnastics, in relation to the importance of corporal expression in choreographic compositions.

Keywords: Corporal Expression. Choreographic Composition. Rhythmic Gymnastics.

Recebido: março/2011.
Aprovado: abril/2011.